

Quando o americano ajuda

Santiago, julho (de Rubem Braga, enviado especial) — Quando o americano ajuda com seu capital e sua técnica, um país pode ir para a frente. Estamos nos referindo à ajuda de governo a governo, como no caso de Volta Redonda, que tem no Chile uma irmã menor em Huachipato. Menor em números absolutos, mas muito maior relativamente ao consumo e às necessidades do país.

O mais feroz bugre inimigo do capital estrangeiro não ousaria falar mal dos dólares nesses casos. Ele deve reconhecer que houve um momento em que Washington se preocupou em auxiliar os povos da América do Sul a dar um arranco no sentido da industrialização; Huachipato é o símbolo dessa cooperação, no Chile.

A primeira comissão para estudos foi nomeada em meados de 1942. A essa altura a siderurgia chilena provia cerca de 20 por cento das necessidades nacionais; a construção da usina foi iniciada em janeiro de 1947 e a sua inauguração feita em novembro de 1950, quando ela começou a funcionar plenamente. O Eximbank concedeu um crédito de 48 milhões de dólares (20 anos, 4%), e posteriormente emprestou mais 10 milhões para o plano de ampliação, além de 2 milhões e 750 mil dólares para o aproveitamento de uma nova jazida de minério.

A CAP (Companhia de Aço do Pacífico) constituiu seu capital com 15 milhões de dólares, cabendo 5 milhões à Corporação de Fomento da Produção, (CORFO), 2 milhões à Caixa de Amortização e 8 milhões a acionistas particulares. Além dos 48 milhões do Eximbank, a CAP contou inicialmente com os créditos de 10 milhões de dólares (Banco Central, 20 anos, 3%) 2 milhões e 881 mil dólares da CORFO (20 anos, 4%) 1.096.700 dólares da Caixa de Amortização (10 anos, 3%) e 3.122.531 dólares dos fornecedores do equipamento. Não há dúvida que foi um excelente negócio para o Chile.

A localização da usina na baía de S. Vicente, ao sul do porto de Talcahuá, foi resolvida por estar junto da bacía carbonífera mais importante do país, pela abundância de água doce do rio Bio Bio, fatura de energia elétrica, fácil acesso marítimo; Huachipato fica perto de Talcahuá, porto de mar, e de

gundo centro industrial do país. O minério de ferro é totalmente chileno, e chega por mar; por motivos técnicos é utilizado, em parte, o carvão estrangeiro; no ano passado a usina consumiu 197 mil toneladas de carvão chileno e 194.800 toneladas de carvão importado. O calcário também é nacional, do arquipélago Madre de Dios, mas uma parte da dolomita vem do Uruguai.

Para dar uma idéia das proporções da usina direi que no ano passado ela produziu 313.068 toneladas de aço em lingotes, quando Volta Redonda produziu 482.376 toneladas; lembremos que o Chile tem uma população nove vezes menor que o Brasil. A produção a que me referi acima poderá ser consideravelmente acrescida, pois foi limitada pela capacidade do laminador desbastador.

Huachipato foi planejada com um excesso de capacidade sobre as necessidades do país, de maneira a atender com grande folga à procura nacional; enquanto essa procura cresce, o excesso é exportado, com benefício para o país na obtenção de divisas. Em 1953 essas exportações alcançaram 14.307.425 dólares; levando em conta o que se importou a menos e os dólares gastos pela Companhia, calcula-se uma economia líquida de divisas, em 1953, de 12.839.505 dólares.

Tal como aconteceu no Brasil, a grande siderurgia permitiu ao Chile uma notável expansão industrial. Quatro grandes organizações já surgiram na zona para aproveitar os produtos e subprodutos da usina, que vão sendo diversificados, e as indústrias de transformação vão surgindo. Os homens da CAP consideram possível que o consumo de aço por habitante, que no Chile em 1950 era de 36 quilos, atinja muito breve a 60 quilos, o que representa uma notável elevação do nível de vida e é considerado um consumo estimável para um país de mercado pequeno onde não se justifica a instalação de indústrias pesadas, como fábricas de automóveis, por exemplo.

Huachipato, fruto da cooperação norte-americana, é a premissa de um Chile mais livre e mais rico. Não é certamente aí, mas na ação gananciosa de algumas grandes empresas particulares que se origina o ressentimento antiamericano que é um dos fatores emotivos da opinião chilena.

Concepção social populosa. e 2 -
6/8/54